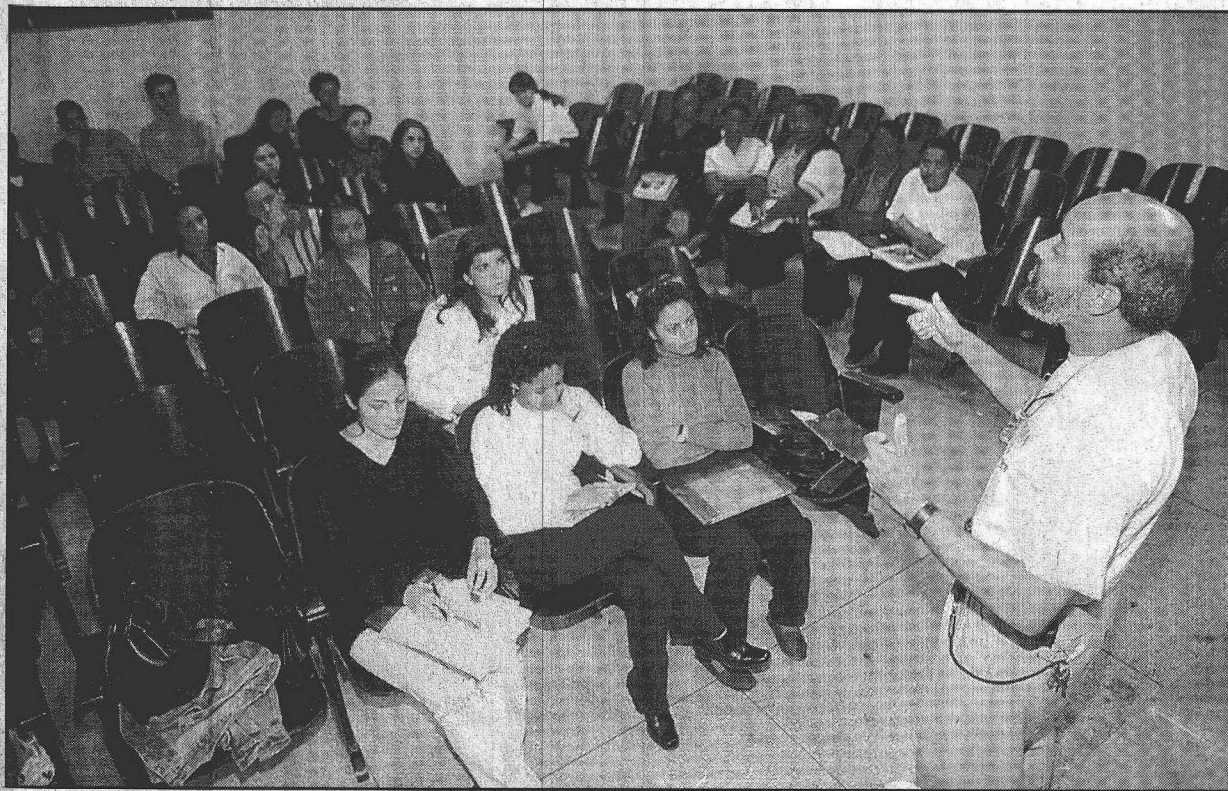


Cursinhos para jovens carentes obtêm sucesso



Aulas no bairro do Tucuruvi, em São Paulo: comunidade organiza-se para ajudar estudantes

No Rio e em São Paulo projeto ajuda alunos de baixa renda a ingressar em universidades públicas

JULIANA JUNQUEIRA

Os cursinhos pré-vestibular para pessoas carentes estão atingindo seu objetivo: colocar os jovens de baixa renda em universidades públicas. No Rio – onde nasceu a iniciativa e existem 60 núcleos com mais de 2 mil estudantes – 34% dos alunos garantiram uma vaga este ano. Em São Paulo, a idéia começou tímida em 1997, com apenas três salas. O projeto deu certo e ganhou o apoio da comunidade. Hoje, já estão funcionando 22 núcleos, em que estudam cerca de 1,1 mil jovens e adultos.

Esses grupos almejam o ensino gratuito. “Os estudantes pobres não têm como pagar o cursinho convencional e, sem preparo, acabam perdendo as vagas nas escolas públicas”, diz frei Davi Raimundo San-

tos, diretor do grupo Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (Educafro). “Assim, o sonho do diploma fica mais distante, pois eles não têm dinheiro para as mensalidades das escolas particulares.”

A Educafro congrega a maior parte dos núcleos de São Paulo, que funcionam em espaços cedidos por igrejas, escolas, sindicatos ou entidades de bairro. A maioria dos cursinhos está instalada na periferia da cidade. Apenas três deles localizam-se no centro da capital. “A idéia é sempre encampada por alguém da comunidade, que deseja ver os jovens com um diploma de ensino superior”, explica o frade.

Eles partem, então, em busca do local e de professores voluntários para lecionar. Os coordenadores são os responsáveis, também, pela propaganda no bairro. “Depois, fazemos a seleção dos jovens,

que têm de comprovar carência”, explica Neuza Poli, coordenadora do núcleo Tucuruvi, que funciona na Escola Estadual Silva Jardim, no Tucuruvi.

Cidadania – O trabalho é auto-sustentável. Cada aluno contribui com 5% do salário mínimo, dinheiro usado na compra de material e para a passagem dos colegas mais carentes. As aulas são ministradas à noite ou aos sábados. Além das disciplinas tradicionais, os jovens também têm aula de cultura e cidadania. Nessa matéria, eles discutem questões como racismo, políticas públicas, violência e direitos constitucionais.

Com todo o esquema armado, o que não falta é boa vontade dos jovens, que têm de conciliar trabalho com estudo. Esse é o caso das alunas Regina de Carvalho, de 21 anos, e Jacira dos Santos Bispo, de 20. Elas

caminham uma hora para assistir as aulas no núcleo Tucuruvi após o trabalho. “Mesmo com todas as dificuldades, os professores nos incentivam a não desistir”, diz Regina.

**ESPAÇOS SÃO
CEDIDOS POR
IGREJAS OU
ESCOLAS**

Mas todo esforço às vezes não é suficiente. A maior parte dos alunos não tem dinheiro para pagar a taxa de inscrição do vestibular, que pode chegar a R\$ 70,00. Este ano, a Educafro entrou com uma ação popular contra a Fuvest, que organiza o exame da Universidade de São Paulo (USP). A ação foi negada. Em seguida, 42 alunos entraram com um mandado de segurança.

O processo ainda não foi julgado em última instância. Mas o vice-diretor da Fuvest, José Atilio Vanin, garantiu que o Conselho de Graduação da USP vai estudar um método para isentar os alunos carentes da taxa. A auxiliar de enfermagem, Maria da Penha Santos Nascimento, de 39 anos, é uma das alunas do núcleo Tucuruvi que entrou com o mandado. “Meu sonho é fazer enfermagem”, diz.

Outros estudantes arrecadaram o dinheiro para pagar a inscrição com a família. E o caso de Emerson Fernandes dos Santos, de 19 anos, que vai prestar vestibular para engenharia elétrica. “Quero fazer telecomunicação que é a carreira do futuro”, diz. Enquanto os jovens se esforçam para conquistar uma vaga na universidade pública, os coordenadores estão preparando o 1.º Encontro Nacional de Cursos Pré-Vestibulares Alternativos e Comunitários, que terá por objetivo propagar a idéia para outros pontos do País.